

entrevista

Carina Vitrail

1. Como foi sua trajetória no movimento juvenil do início ao momento atual destacando suas principais experiências e desafios

Desde a adolescência me envolvo em causas sociais. Comecei participando do Projeto Capoeira Escola e de ONGs em Santos, o que me ajudou a ter um outro olhar sobre as desigualdades sociais e a história do povo brasileiro.

Mas foi a partir do movimento estudantil que me engajei no movimento de juventude. Fui do centro acadêmico de economia, ao ingressar na universidade, o que me levou, mais tarde, a compor a executiva da União Nacional dos Estudantes (UNE). Naquele momento o meu principal desafio foi ajudar a formular políticas que garantissem o aprofundamento do processo de democratização das instituições públicas de ensino. Após esse período, presidi a UEE São Paulo e tivemos que ajudar a dar consequências para as reivindicações das manifestações das ruas no contexto das Jornadas de Junho de 2013. Conquistamos o passe-livre estudantil na capital paulista, vitória que hoje beneficia 600 mil estudantes. No entanto, o maior desa-

fio que enfrentei foi quando presidi a UNE, de 2015 a 2017. Vivemos a resistência ao golpe e todos os retrocessos que o desgoverno Temer impôs aos estudantes e ao povo brasileiro. Resistimos a muitos desses ataques e hoje temos uma grande vanguarda estudantil que foi forjada nas lutas e que está pronta para virar o jogo.

2. Você foi presidente da UNE que é uma das principais organizações de juventude do mundo. O que você destacaria da participação dos estudantes na história das lutas políticas no Brasil e qual seria o legado da UNE para as gerações atuais

Não há como falar da história da União Nacional dos Estudantes (UNE) sem citar os principais momentos da história brasileira desde a década de 30. A UNE sempre esteve na vanguarda de um pensamento comprometido com a defesa dos interesses nacionais e populares. Foi assim no momento em que o Brasil passou a desenvolver sua indústria nacional. Havia uma forte disputa sobre o caráter desse processo. Vencemos a batalha e foi criada, na década de 50, a Petrobrás,

totalmente voltada aos interesses nacionais.

A UNE foi pioneira na associação entre a mobilidade urbana e o acesso à educação. Em 1956 os estudantes universitários lideraram a famosa “revolta dos bondes”, no Rio de Janeiro.

Por iniciativa da UNE, após realizar uma ampla consulta às suas bases, foi construída a formulação do projeto de reforma universitária, no início da década de 60. O projeto estava em harmonia com o florescimento de um pensamento que transbordou da intelectualidade reunida nas universidades e no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), para a política. A reforma universitária fazia parte de um conjunto de reformas que, se não tivessem sido barradas pela ditadura militar (1964), poderiam ter transformado o Brasil de uma maneira fantástica.

A UNE resistiu à ditadura e foi entidade decisiva no processo de redemocratização do país, na resistência ao neoliberalismo na década de 90 e na luta pelas políticas de democratização do acesso ao ensino superior nos governos Lula e Dilma.

Não à toa, a UNE também foi fundamental, recentemente-



FEMINISTA

te, na luta contra o golpe de 2016 e permanece na linha de frente da resistência aos ataques aos direitos sociais promovidos pelo governo golpista.

3. Atualmente você preside a União da Juventude Socialista. O que é a UJS, qual são as suas bandeiras de luta e quais conquistas ela propiciou à juventude brasileira?

A UJS é um movimento de juventude amplo, de massas e que tem a cara da juventude brasileira. Ela surgiu em 84, no fervor do processo de redemocratização do país. A UJS é fruto de uma vanguarda do movimento estudantil, a famosa Viração, que contribuiu para garantir que a UNE continuasse defendendo os interesses do Brasil. Portanto, as bandeiras de luta da UJS não poderiam ser diferentes. A defesa dos interesses nacionais, dos direitos sociais, do desenvolvimento soberano do Brasil

e do socialismo são marcas importantes dessa organização. A UJS representa uma juventude enorme e ao mesmo tempo ideológica, pronta para denunciar as investidas do imperialismo, como tantas vezes fez na sua história.

Além de ser uma organização fundamental na redemocratização, no FORA COLLOR em 1992, a UJS também foi a entidade que buscou e conquistou o voto aos 16 anos, conquista importante para que o jovem passasse a ser compreendido como um sujeito político e de direito.

4. Com base na sua experiência, quais são os principais desafios dos movimentos juvenis na atualidade?

Acredito que o principal desafio dos movimentos de juventude hoje é fazer a disputa de hegemonia do ponto de vista ideológico e das ideias. Existe uma ofensiva muito grande do fascismo no Brasil, que tem destruído a qualidade do

debate público e colocando a política em último plano. Isso tem haver com um processo de supressão da democracia em nosso país, assim como ocorre em outros países da América Latina, para aprovar uma agenda de retirada de direitos que não seria aprovada nas urnas.

Portanto, o desafio é convencer a juventude de que a saída para a atual crise política e econômica que vive o Brasil é pela via democrática, pela ampla participação e pela retomada da política como um instrumento a serviço dos interesses da maioria do povo.

5. Estudos da ciência política tem revelado que existe um baixo nível de confiança nas instituições políticas o que expressa uma crise na democracia representativa. É possível reverter isso e promover uma maior participação política dos jovens?

Acredito que sim. Aliás, tenho segurança de que não há saída para a crise atual sem



...O DESAFIO É CONVENCER A JUVENTUDE DE QUE A SAÍDA PARA A ATUAL CRISE POLÍTICA E ECONÔMICA QUE VIVE O BRASIL É PELA VIA DEMOCRÁTICA, PELA AMPLA PARTICIPAÇÃO E PELA RETOMADA DA POLÍTICA COMO UM INSTRUMENTO A SERVIÇO DOS INTERESSES DA MAIORIA DO POVO.

a ampla participação da sociedade. Isso inclui os jovens, que são grande parte da população, as mulheres, os trabalhadores e os negros e negras. A crise de representação tem a ver com uma pressão para que o povo se distancie da política e, por outro lado, pelo fato de que os espaços de representação precisam estar em sintonia com o que é o povo brasileiro.

6. Como os jovens podem se organizar nos dias de atuais onde predominam novas formas de sociabilidade virtual como as redes sociais

Existem diversas formas de organização política da juventude. Acredito que todas devem ser conjugadas. Na UJS temos um lema, que inclusive foi tema de um congresso que realizamos, que se chama “Nas redes e nas ruas”. Essas formas de organização variadas, de coletivos diversos e em espaços virtuais formam um fantástico “ecossistema” organizativo que, se conjugados, podem nos levar a formas muito sofisticadas de atuação política da juventude.

7. Quais os principais desafios para a efetivação de políticas públicas de juventude nos dias atuais

O principal entrave é o projeto político que está em voga no Brasil. Sabemos que o desgoverno Temer representa a negação da garantia da democracia e dos direitos sociais. O principal entrave é o de projeto em curso. Por isso, precisamos nos organizar para garantir que um projeto comprometido com a juventude, ou seja, que enxergue o jovem como um sujeito de direito, seja vitorioso nestas eleições de 2018.

